

## AS INTERPRETAÇÕES HISTÓRICAS E RELIGIOSAS NO MEDIEVALISMO ROMÂNTICO DE ALEXANDRE HERCULANO

Leonardo Atayde Pereira<sup>1</sup>

DOI 10.11606/issn.1981-7169.crioula.2017.126056

**RESUMO:** O presente estudo tem como objetivo mostrar o diálogo existente entre a prosa ficcional e a historiográfica de Alexandre Herculano, tomando como exemplo a temática religiosa. Diante dessa problematização foram escolhidos alguns escritos produzidos pelo autor nas décadas de 1940 e 1950 do período oitocentista, como as *Cartas sobre a História de Portugal*, a narrativa ficcional “O Alcaide de Santarém” e trechos da “Introdução” da *História de Portugal*.

**ABSTRACT:** The present study aims to show the existing dialogue between fictional prose and historiographical of Alexandre Herculano, taking as an example the religious theme. Before that questioning were chosen some writings produced by the author in the decades of the nineteenth century spans 40 and 50 as *Cartas sobre a História de Portugal*, the fictional narrative “O Alcaide de Santarém” and excerpts from “Introduction” in the *História de Portugal*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Romantismo; Idade Média; Historiografia; Alexandre Herculano; Religião.

**KEYWORDS:** Romanticism; Middle Ages; Alexandre Herculano; Historiography; Religion.

<sup>1</sup> Licenciatura e Bacharelado em História pela Universidade de São Paulo. Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo. Doutorando em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa na mesma instituição.

**A** Idade Média europeia, idealizada e interpretada como o período de formação das nacionalidades e local de gênese e formação dos valores morais e culturais dos povos europeus, passou a ser objeto de estudo e de referência, estética e histórica, para o movimento romântico. O período medieval, caracterizado e definido cronologicamente de formas diferentes pelos autores românticos, sem dúvida foi a maior projeção utópica criada pelo Romantismo.

Uma série de elementos medievais, como castelos, florestas e bosques, dividem espaços, em textos românticos ficcionais e históricos, com cavaleiros, reis, donzelas e seres fantásticos advindos diretamente do rico imaginário medieval, universo temático que ajudou o movimento romântico a formular suas bases estéticas e morais e, ainda, fundamentar historicamente suas reflexões e soluções para as problemáticas sociais, culturais e políticas do período oitocentista.

Alexandre Herculano, como liberal e romântico, absorveu e ajudou a propagar em Portugal a fascinação pela temática medieval. A atração que Herculano sentia pela Idade Média se confundia com a formação do autor como homem e intelectual comprometido com a estética romântica.

A temática medieval foi assunto tanto de sua prosa ficcional, dividida em novelas e romances históricos, quanto da sua prosa de caráter historiográfico. Essa preocupação em traduzir e interpretar este período do passado de Portugal fez com que a obra de Herculano gozasse de uma invariável unidade temática e dialogasse, constantemente, entre si. A Idade Média construída por Herculano servia como manancial estético e como fonte, direta e indireta,

para pensar as soluções dos problemas sociais, políticos e econômicos de Portugal.

Para Herculano, o período medieval português teve início com a independência de Portugal em relação ao território do reino de Leão, durante as guerras de Reconquista, e se estendeu até o advento de um modelo político centralizado, relacionado ao período do Renascimento e das Grandes Navegações, corte temporal que tem início no século XII e se estende até o século XVI.

Com o advento do Renascimento, tem início, para Herculano, a decadência da nação portuguesa, caracterizada por uma nociva centralização política, pelo desequilíbrio das forças sociais e pela corrupção dos costumes, elementos que teriam feito que a nação portuguesa se afastasse de sua “índole”, de sua configuração política, social e moral originária, presentes nas instituições medievais.

As “Cartas sobre a História de Portugal”, publicadas originalmente na *Revista universal lisbonense* em 1842, serviram de prévia temática para a *História de Portugal*, publicada em quatro volumes no período que vai de 1846 a 1853. Na mesma época, Herculano redigiu e publicou as primeiras versões de seus romances e novelas históricos, revelando a correspondência temática que amarra a sua prosa ficcional a seus escritos historiográficos.

Como historiador e ficcionista, o autor de *O Bobo* se propôs a romper com uma tradicional glorificação histórica das conquistas e descobrimentos portugueses e construir uma interpretação acerca do passado que colocaria a Idade Média como principal protagonista:

*Nem descobrimentos, nem conquistas, nem comércios estabelecidos pelo privilégio da espada, nem o luxo e majestade de um império imenso, nos podem ensinar hoje a sabedoria social. Os instintos maravilhosos de uma nação que tende a constituir-se; as lutas dos diversos elementos políticos; as causas e efeitos do predomínio e abatimento das diferentes classes da sociedade; os vícios das instituições incompletas e incertas, que obrigaram não só nossos avós, mas toda a Europa, a deixar o progresso natural e lógico da civilização moderna para se lançar na imitação necessária, mas bastarda, da civilização antiga; a existência enfim intelectual, moral e material da idade-média é que pode dar proveitosas lições à sociedade presente, com a qual tem muitas a mui completas analogias. (HERCULANO, s/d, p. 140)*

Diante dessas palavras, fica clara a intenção de traduzir o presente sob a ótica inspiradora do passado e de investigar a Idade Média portuguesa a partir de suas instituições e de sua existência “intelectual, moral e material”:

Dentre as instituições organizadoras da vida política e social da Idade Média portuguesa, estavam os “concelhos municipais”, que, na visão de Herculano, constituíram importantes “células” de discussão dos problemas locais e possuíam a capacidade de exercer uma força de “equilíbrio” político entre os setores sociais medievais portugueses. Para ele, esses “concelhos municipais” eram o maior exemplo da “liberdade” e da “diversidade” existente no período. Em sua interpretação

sobre o passado medieval português, as instituições, quando bem organizadas e em sintonia com a “índole” da nação, tinham a capacidade de sustentar todo o corpo social e promover o seu equilíbrio.

Dentro desse raciocínio, Herculano, nas *Cartas*, relaciona o sucesso da invasão dos árabes na Península Ibérica, no século VIII, à decadência moral e institucional dos visigodos. “Tanto que o império visigodo desabou em ruínas ao embate violento do entusiasmo e perícia militar dos árabes, e a política e civilização destes substituiu nas Espanhas a muito mais viciosa e incompleta civilização dos godos” (HERCULANO, s/d, p. 40).

Por conseguinte, o domínio árabe na Península também teria chegado ao fim quando o modelo de organização institucional da sociedade islâmica se esgotou e passou a refletir uma iminente decadência: “(...) as instituições e costumes de qualquer povo são a sua fisiologia, pela qual se lhe explica principalmente o curto ou o dilatado da vida” (HERCULANO, s/d, p. 40).

O período histórico em que os árabes governavam boa parte da Península Ibérica é visto, nas “Cartas”, como um período histórico marcado pelo “caos”, traduzido por um “misto confuso e monstruoso de todas as virtudes e de todas as atrocidades” (HERCULANO, 1999, p. 42). Esse “caos”, em parte, é explicado pelo avanço das disputas internas envolvendo os territórios de domínio árabe, mas, sobretudo, pela ausência da força moral exercida pelo cristianismo:

*Entre os árabes, apesar da cultura intelectual, predominava a barbaria moral; as letras e as*

*ciências, levadas a um alto grau de esplendor, não suavizaram jamais os costumes ferozes dos maometanos, porque a civilização moral nunca existiu na terra senão por benefício do cristianismo. (...) a civilização dos árabes, assentando sobre a falsa base do Islamismo, brevemente envelheceu e tornou-se em corrupção de costumes, enfraquecendo e envilecendo os ânimos. O quadro moral da Espanha maometana no meado do século XII, que no livro intitulado Regimento de príncipes e capitães fez Ben Abdel-Vahed, é espantoso, e quanto ao estado político a situação dos árabes não era melhor. (HERCULANO, s/d, p. 42 e 44).*

A problemática interpretação histórica de Herculano a respeito dos árabes que viveram na Península Ibérica e do Islamismo foi reforçada, anos mais tarde, em sua “Introdução” de *História de Portugal* e no conto “O Alcaide de Santarém”. Nesses dois exemplos da prosa herculaniana, escritos em menos de uma década desde a produção das “Cartas”, a religião cristã e o preconceito em relação ao Islamismo também serviram de elementos basilares para a sua montagem do palco histórico medieval ibérico.

A narrativa histórica “O Alcaide de Santarém” foi publicada, primeiramente, na revista “A Ilustração”, em 1845 e, posteriormente, fez parte da coletânea de contos históricos *Lendas e Narrativas*, de 1851. O conto retrata um episódio ocorrido com o califa de Córdoba, Abdu-r-rahman III, da dinastia dos Benu-Umeyyas, entre os anos de 949 a 961, durante o seu governo em Al-Andaluz.

O califa Abdu-r-rahman, em meio a disputas territoriais com os cristãos, foi alvo de uma tentativa de golpe envolvendo o seu filho Abdalá, preterido na sucessão do governo de Córdoba em prol do filho mais velho do califa, Al-hakem. Na narrativa, a traição de Abdalá foi descoberta com a ajuda de um misterioso faquir de nome Al-muulin, também conhecido como Al-ghafir, o triste. O faquir vivia no cemitério Al-tamarah e era visto pela população como uma mistura de profeta e santo.

A fama conquistada por Al-muulin foi resultado da particularidade de suas predições, sempre terríveis e perpassadas por uma atmosfera de mau agouro. Sua figura inspirava medo, terror e repulsa a todos aqueles que o conheciam, as palavras que profetizava eram capazes de silenciar a mais ruidosa multidão.

A santidade do faquir, numa leitura mais atenta do texto de Herculano, estava ligada ao pavor que ele transmitia à população muçulmana e não aos sentimentos de caridade e bondade que conseguia propagar com suas atitudes e profecias, aspecto que corrobora a visão preconceituosa de Herculano a respeito do Islamismo.

Sobre a caracterização de Al-muulin traçada por Herculano, ainda é pertinente destacar a presença de alguns elementos tipicamente românticos que podem ser facilmente notados em outras personagens do seu universo ficcional. O isolamento do faquir foi comungado, por exemplo, por Eurico, protagonista do Eurico, o presbítero e Vasco, protagonista do Monge de Cister.

O isolamento de Al-muulin, Eurico e Vasco, mesmo sendo ocasionados por motivos diferentes, têm como ponto de

convergência a ocorrência dum determinado acontecimento que causou uma ruptura na forma como essas personagens encaravam a vida até aquele momento. A partir desse evento paradigmático dentro da existência dessas “vítimas do destino”, toda a ação desempenhada por eles estaria condicionada à realização de um particular objetivo que limitasse ou extinguisse a tristeza e sofrimento sentidos até aquele momento.

Além da presença desse constante diálogo entre os escritos de nosso autor, o início da sombria história envolvendo o califa, seus dois filhos e o faquir está repleto de elementos que nos remetem à atmosfera do “medievalismo romântico” oitocentista europeu, dominada pelos escritos de Scott e Hugo.

Para o leitor que conhece as nuances do enredo do paradigmático romance histórico de Victor Hugo, *Notre-Dame de Paris*, publicado em 1831, fica evidente o importante papel que o poder das profecias e dos presságios desempenha na narrativa do escritor francês, como a presença dum iminente destino trágico que aguarda os protagonistas.

Em sintonia com Hugo e com toda uma tradição gótica ou “negra” captada pela literatura romântica, Herculano preencheu sua narrativa com inúmeras descrições de ambientes e locais que nos revelam a presença desses presságios e sinais de mau agouro, elementos típicos de uma construção romanizada do período medieval.

Este recurso estético pode ser notado na descrição de Herculano do palácio Merwan e dos ambientes ao seu redor. A construção imponente, morada dos primeiros califas e de Abdalá, símbolo do poder político e do controle religioso, moral e ético exercido pelos muçulmanos do período, remete

às descrições da catedral de Notre-Dame traçadas por Hugo em seu romance.

Em seu romance, Victor Hugo faz uma recriação da catedral de Notre-Dame que enfatiza o lado aterrorizante e sombrio de seus elementos arquitetônicos e consegue, através desse recurso estético, criar uma sintonia com as personagens que habitam Notre-Dame, Claude Frollo e Quasímodo. Esse recurso revela nuances de suas personalidades e desejos e profetiza um trágico destino para ambos.

Assim como o autor francês, Herculano tem a intenção de transmitir, em sua caracterização da construção medieval, o trágico destino que aguardava Abdu-r-rahman e seus descendentes, protagonistas de um poder político decadente e assentado em equivocadas bases morais, éticas e, evidentemente, religiosas:

*O palácio Merwan, junto dos muros de Córdoba, distingue-se à claridade duvidosa da noite pelas suas formas maciças e retangulares, e a sua cortisnada, bafo dos séculos que entristece e santifica os monumentos, contrasta com a das cúpulas aéreas e douradas dos edifícios. (...). Como Azarat e como Córdoba, calado e aparentemente tranquilo, o palácio Merwan, a antiga morada dos primeiros califas, suscita ideias sinistras, enquanto o aspecto da cidade e da vila imperial unicamente inspiram um sentimento de quietação e paz. (...) o clarão avermelhado que ressumbra da mais alta das raras frestas abertas na face exterior da sua torre albarrã, a maior de todas as que o cercam, a que atalaia a campanha. Aquela luz,*

*no ponto mais elevado do grande e escuro vulto da torre, é como um olho de demônio, que contempla colérico a paz profunda do império e que espera ansioso o dia em que renasçam as lutas e as devastações de que por mais de dois séculos fora teatro o solo ensanguentado da Espanha. (HERCULANO, 1959, p. 51)*

Como faquir e profeta, Al-muulin se apresenta ao califa para anunciar a traição de Abdalá e do cúmplice Al-barr. Após ser apresentado a uma série de cartas que revelavam a inegável participação de Abdalá na revolução, o califa se convence da traição do filho. As cartas, além de mostrarem a aliança entre o filho mais novo do califa e os rebeldes das fronteiras do oriente, os Benu-Hafsun, também mostravam uma série de correspondências trocadas entre ele e Ummeyya-ibn-Ishak, antigo alcaide de Santarém e inimigo declarado do califa.

Com a prova da irrefutável deslealdade de Abdalá, o califa ordena que seu filho caçula seja morto. Após o cumprimento de sua ordem, Abdu-r-rahman cai numa profunda melancolia que o isola de todos e o faz abandonar o governo aos cuidados do filho mais velho, Al-hakem.

Al-muulin, o engenhoso faquir que fora o responsável por ter denunciado o complô contra o califa, passa a morar no palácio de Azarat e a exercer uma grande influência e domínio moral junto a Abdu-r-rahman:

*Abdu-r-rahman parecia inteiramente dominado pelo rude faquir, e, ao vê-lo, qualquer um poderia ler no rosto do velho príncipe os sentimentos*

*opostos do terror e do afeto, como se metade da sua alma o arrastasse irresistivelmente para aquele homem, e a outra metade o repelisse com repugnância invencível. (...). Sentindo avizinhar a morte, Abdu-r-rahman tinha sempre diante dos olhos que esse faquir era como o anjo que devia conduzi-lo pelos caminhos da salvação até o trono de Deus. (HERCULANO, 1959, p. 61)*

Para Abdu-r-rahman, o faquir, apesar de ser muitas vezes irônico e portador dum sorriso enigmático e diabólico, era visto como um predestinado, um homem santo que deveria ser ouvido e obedecido em suas mensagens vindas dos céus, mesmo que fossem cobertas de amargor e sofrimento.

Com o passar dos anos o califa vai, lentamente, perdendo a sua vitalidade e vê, cada vez com mais nitidez, a aproximação da morte. Abdu-r-rahman, numa tentativa de apaziguar suas últimas horas de sofrimento procura uma inexistente palavra de conforto do faquir.

Al-muulin se alegra com o sofrimento do califa e no clímax da narrativa revela toda a trama de sua vingança, incluindo a sua verdadeira identidade, Umeyya-ibn-Ishak, alcaide de Santa-rém. Toda a privação que passara no cemitério e todo o tempo que passara ao lado do seu inimigo fora para vingar a morte do seu irmão, Mohammed-ibn-Ishak, antigo vizir do califa, que fora sentenciado injustamente à morte pelo seu antigo senhor. O enfraquecido e outrora poderoso califa de Al-Andaluz termina morrendo diante de seu falso profeta.

Abdu-r-rahman fora enganado pelo vingativo Umeyya-ibn-Ishak. Tudo em que mais acreditava, como a lealdade filial,

o poder benemérito proporcionado pela fé religiosa e a caridade despreziosa dos seus súditos, revelaram-se frágeis ilusões. Contudo, será que o califa foi também enganado dentro de sua crença no Islão? Para Herculano, parece que sim.

Na “Introdução” da *História de Portugal*, Herculano faz um amplo panorama do domínio árabe na Península e pontua como característica central desse período um grande esplendor material e cultural conduzido por uma incansável disposição guerreira. Porém, a presença muçulmana foi marcada por uma confusa rede de traições e por uma falta de unidade social entre as populações muçulmanas e moçárabes.

Para Herculano um dos motivos desse “caos” histórico, como já havia pontuado nas “Cartas”, foi a propagação dos princípios da religião islâmica, ideia que serviu de inspiração para nortear alguns caminhos interpretativos que seguirá para compreender a dinâmica histórica do domínio árabe na Península em dois séculos de conquista, como exemplificado neste trecho da *História de Portugal*:

*O leitor tem seguido conosco a série de revoluções de que a Espanha foi vítima desde a conquista árabe. A fraqueza e falta de harmonia nas instituições políticas, estribadas apenas nas doutrinas falsas ou incompletas do Corão, a diversidade de raças unidas só pelo vínculo moral de uma crença comum e o despotismo ilimitado do supremo poder eram as causas principais dessa febre violenta que trazia o corpo social em agitação perpétua, a qual, se a observarmos atentamente, chega a produzir no espírito uma espécie de vertigem. Não temos visto no decurso de dois*

*séculos passar diante dos olhos senão levantamentos, batalhas, desmembrações, que sucedem rapidamente umas às outras. A civilização não alcança opor barreiras à desordem, que se renova, transforma-se, multiplica-se, toma todos os aspectos, busca todos os pretextos. O quadro que nos oferece a Espanha repete-se em África, na Ásia, onde quer que os sectários do Profeta levaram a fé muçulmana e a organização que em tal crença se fundava. Era ela, pois, a causa do mal. Ao passo que no Ocidente o cristianismo ia lançando as bases da paz e da ordem entre os povos semibárbaros e ferozes que adoravam o Deus do Calvário, as gentes maometanas do Oriente, incomparavelmente mais civilizadas, caminhavam para a dissolução e para a barbaria à sombra do estandarte ensanguentado do islamismo. Contraste singular, na verdade; prova sublime, posto que dolorosa, da origem pura e divina da crença cristã e da vaidade e mentira destoutra, que pelo fanatismo soubera fazer conquistadores, mas que se mostrou sempre inábil para constituir sociedades regulares e duradouras. (HERCULANO, 2007, p. 117-118)*

Nesse excerto fica clara a relação que Herculano estabelecia entre o Islamismo e os inúmeros conflitos vivenciados pelos muçulmanos na Península. Para o autor das *Lendas e Narrativas*, a religião de Maomé era a “causa do mal” que eclipsava toda cultura árabe e toda tentativa de organização política e social. Parece que, para Herculano, a grande tragédia da vida do califa Abdu-r-rahman no “Alcaide de Santarem”

não foi a traição e execução do seu filho Abdalá, mas a dedicação sem sentido à causa do Islão.

Com a análise do conto “O Alcaide de Santarem” à luz das “Cartas” e da “Introdução” da *História de Portugal*, podemos notar a irrefutável unidade da obra herculaniana e a necessidade da leitura em paralelo da sua prosa, ficcional e historiográfica, para a compreensão dos seus objetivos interpretativos acerca do passado da Península Ibérica.

Na “Introdução” da *História de Portugal*, encontramos a história do reinado de Abdu-r-rahman e os eventos históricos que, cronologicamente, dentro da produção de Herculano, já haviam sido registrados e interpretados no conto “O Alcaide de Santarém”.

Nesse outro momento de retomada histórica do governo do califa, além de relatar a aliança do alcaide de Santarém com o rei de Leão e a tentativa de revolução de Abdalá, chamado aqui de Abdullah, Herculano enfatiza a grandeza do reinado de Abdu-r-rahman:

*A corte esplêndida de Córdova era frequentada pelos homens mais célebres nas ciências e nas letras que possuía o islamismo, e a fama das grandezas e poder do califa obrigava os mais poderosos príncipes da Europa a enviarem-lhe embaixadas e a proporem-lhe alianças. (...). Apesar, porém, de tantos favores da fortuna, diz-se que o califa deixara anotar numa espécie de diário, em que ia apontando os sucessos da sua vida, que nos cinquenta anos em que reinara amado dos súbditos, temido dos inimigos, acatado por todos e saciado de deleites,*

*apenas gozara catorze dias de ventura estre-me. (HERCULANO, 2007, p. 121)*

Assim como no conto, o califa Abdu-r-raham mesmo sendo porta-voz do alcance cultural e poder militar presentes no domínio árabe na Península Ibérica nunca conheceu o contínuo conforto e eterna ventura proporcionados, de acordo com a lógica histórica de Herculano, pela “verdadeira fé”.

Podemos notar, após uma breve análise de alguns exemplos da prosa historiográfica e do conto “O Alcaide de Santarém”, que as interpretações acerca do passado e as tentativas de compreensão sobre os funcionamentos do processo histórico dentro da Península Ibérica feitas por Alexandre Herculano ao longo dos oitocentos possuem uma indissociável unidade temática.

Dessa forma, para uma maior apreensão e entendimento dos grandes temas que percorrem a obra do autor de *Eurico, o presbítero*, como a importância do cristianismo como elemento civilizador ao longo da história ibérica e a relevância do estudo da Idade Média perante outros momentos do passado português, devemos buscar não apenas o diálogo que Herculano travou com a produção literária e historiográfica europeia mais influente do período, exemplificada por Victor Hugo, Walter Scott e Augustin Thierry, mas também devemos nos mostrar atentos à maneira como o autor português construiu uma unidade temática dentro de sua prosa e quais soluções encontrou para o complexo diálogo entre ficção e história.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CATROGA, Fernando. *Alexandre Herculano e o Historicismo romântico*. In: CATROGA, Fernando; MENDES, José Maria Amado; TORRALBA, Luís Reis. *História da História em Portugal (séculos XIX – XX)*. Vol. I. Coimbra: Temas e Debates Atividades Editoriais, 1998.

HERCULANO, Alexandre. *Cartas sobre a História de Portugal*. 1ª edição de 1842. In: HERCULANO, Alexandre. *Opúsculos – Tomo V – Controvérsias e Estudos Históricos (Tomo II)*. 5ª edição. Portugal: Livraria Bertrand, s/d.

\_\_\_\_\_. Introdução. 1ª edição de 1846. In: HERCULANO, Alexandre. *História de Portugal – Desde o começo da Monarquia até o fim do Reinado de Afonso III (Volume I)*. Lisboa: Editora Bertrand, 2007.

\_\_\_\_\_. O Alcaide de Santarém. In: HERCULANO, Alexandre. *Histórias Heroicas*. São Paulo: Editora Cultrix, 1959.

\_\_\_\_\_. *Eurico, o presbítero*. São Paulo: Editora Ática, 1999.

HUGO, Victor. *Notre-Dame de Paris*. Tradução de Ana de Alencar e Marcelo Diniz. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

Submissão: 2017-02-05

Aceite: 2017-05-20